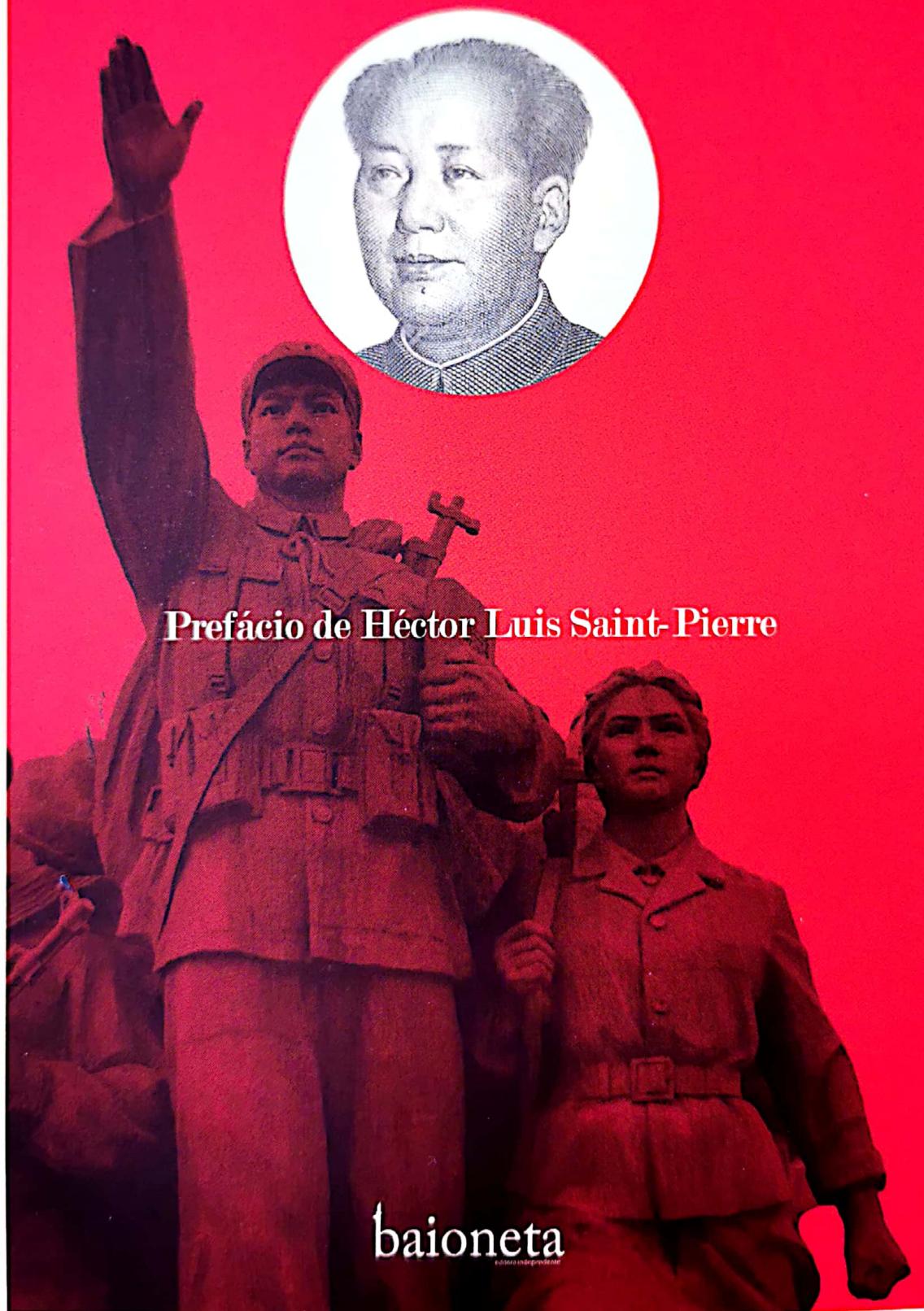


Sobre a Guerra Prolongada



Mao Tsé-Tung



Prefácio de Héctor Luis Saint-Pierre

baioneta
editora independente

© Baioneta Editora, 2019, São Paulo, para a presente tradução e edição.

Coordenação editorial: André Ortega, Gabriel Deslandes & Pedro Marin

Tradução: Edições do Povo, Pequim

Revisão: Pedro Marin

Diagramação e capa: Estúdio Gauche | Fabiana Avanço e Pedro Marin

T882s Mao Tsé-Tung

Sobre a Guerra Prolongada / Mao Tsé-Tung. 2 ed
São Paulo: Baioneta Editora, 2019.

ISBN: 978-85-85338-04-6

1. Ciência política 2. Políticas militares

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciência Política CDD 320
2. Políticas militares CDD 355.0335

Editora Baioneta

baionetaeditora@gmail.com

www.baionetaeditora.com.br

Sumário

Prólogo.....	9
Prefácio: Do espaço oferecido, do tempo ganho e da guerra vitoriosa.....	11
Apresentação do Problema.....	24
A Base do Problema.....	36
Refutação da Teoria da Subjugação Nacional.....	40
Compromisso ou Resistência? Corrupção ou Progresso?.....	45
A Teoria da Subjugação Nacional é Errada, Assim Como é Errada a Teoria da Vitória Rápida.....	50
Por Que Razão uma Guerra Prolongada?.....	53
As Três Fases da Guerra Prolongada.....	56
Uma Guerra de Interpenetração.....	68
A Guerra Pela Paz Perpétua.....	73
O Papel Dinâmico do Homem na Guerra.....	76
A Guerra e a Política.....	79
A Mobilização Política na Guerra de Resistência.....	80
O Objetivo da Guerra.....	83
A Ofensiva na Defensiva, A Decisão Rápida na Guerra Prolongada e as Linhas Exteriores nas Linhas Interiores.....	86
Iniciativa, Flexibilidade e Plano.....	91
Guerra de Movimento, Guerra de Guerrilhas e Guerra de Posições.....	105
Guerra de Desgaste e Guerra de Aniquilamento.....	111
A Possibilidade de Explorar os Erros do Inimigo.....	116
A Questão dos Combates Decisivos na Guerra Anti-japonesa.....	119
O Exército e o Povo como Base da Vitória.....	124
Conclusões.....	129

Prefácio: Do espaço oferecido, do tempo ganho e da guerra vitoriosa

Houve grandes comandantes que ganharam importantes guerras sabiamente, mas cuja reflexão sobre a guerra não alcançou suas glórias militares; outros produziram rios de tinta em eruditos tratados sobre os conflitos armados sem conhecer o cheiro da pólvora. Muito poucos foram os que viveram a dramática experiência de conduzir contingentes humanos na fogueira do confronto armado e souberam teorizar sobre isso. Entre estes se destaca Mao Tsé-Tung, um dos mais brilhantes estrategistas do Século XX, condutor da mais importante guerra revolucionária da história e que deixou gravado para sempre suas experiências e reflexões sobre a guerra em geral e a guerra revolucionária em particular. Seus escritos militares¹ ainda são pouco estudados nas academias militares e permanecem praticamente desconhecidos no Brasil. Não obstante, eles são imprescindíveis, não apenas como documentos obrigatórios para compreender a história da construção da potência internacional na que se transformou a China contemporânea, mas também pela importância dos seus ensinamentos que abonam a reflexão filosófica sobre a guerra e os estudos da estratégia, tanto teórica quanto prática.

Na dedicatória de “O Príncipe”, Maquiavel assegura estar oferecendo o tesouro mais valioso que pode ser dado, se referindo ao conhecimento histórico, pois é desse conhecimento, de saber como atuaram os que fizeram a história, dos seus acertos e erros, que poderá se aprender a tomar e conservar o poder. Mao Tsé-Tung tinha feito estudos universitários de filosofia, pedagogia e história, mas as circunstâncias de um processo revolucionário o levaram a ser o comandante político-militar de um exército que mudaria a história

1 - Mao Tse-Tung Selección de Escritos Militares. Pekín: Ediciones em Lenguas Extranjeras, 1967.

da China. Todavia, para ele, cada guerra é uma guerra e a próxima guerra não seria ganha como foi vencida a última. Assim, não obstante deva se nutrir da história das guerras, o foco do estrategista deve se fixar nas particularidades da guerra que deverá enfrentar, das condições materiais, climáticas e geográficas, assim como conhecer perfeitamente a situação psicológica e moral da sua tropa e a maturação política do momento histórico. Mao não foi um militar convencional, mas um militar historiador e um historiador militar aplicado a conhecer a história da China e das guerras em geral, mas sobretudo, um militante dedicado a revolucionar um país empobrecido para desenhar uma potência que estremeceria o mundo. Dirigente do Partido Comunista, assumiria a missão de formar e conduzir um gigantesco exército durante o enfrentamento ao exército nacionalista e contra o invasor japonês, para finalmente organizar a revolução comunista na China. Pela desvantagem inicial na correlação de forças, Mao organizaria uma retirada estratégica dos destacamentos guerrilheiros e parte do exército revolucionário que salvou da quinta derrota, até o norte do país. Nessa longa marcha, o exército revolucionário seguiria por um acidentado caminho de combates, respondendo ao cerco estratégico que pretendia montar o exército nacionalista com vitoriosos cercos táticos, até concentrar suas tropas na região de Shensi, no extremo norte do país. Daí iniciaria a contraofensiva que culminaria com a fuga definitiva do exército inimigo para a Ilha de Taiwan e a consolidação do triunfo da revolução comunista em todo o território da China continental.

Mao pode ser considerado, dentro da história do pensamento marxista, como o grande formulador da guerra revolucionária. Talvez ninguém antes dele tenha pensado tão profundamente sobre o emprego da máxima violência física para alterar o rumo da história revolucionariamente. Nas suas palavras, “a tarefa central e a forma mais alta de toda revolução é a tomada do Poder pela força armada, isto é, a solução do problema por meio da guerra” (Problemas da Guerra e da Estratégia in MAO, 1967, p 297). A Guerra para

Mao, como para Clausewitz², a quem tinha lido com cuidado, era um fenômeno político, sendo ela a própria política em gramática de combate. Para ele, na situação na que se encontrava a China naquele momento, na qual o imperialismo fechava todas as portas à possibilidade de mudança política, o único instrumento possível era a guerra revolucionária. Para levar a cabo a guerra revolucionária na China, era necessário conhecer as leis da guerra em geral, as leis da guerra revolucionária em particular e especialmente as leis da guerra revolucionária na China. Dessa forma, Mao apontava com precisão que não há leis gerais da guerra rígidas e válidas para todas as guerras, e que as leis que regem as guerras são flexíveis e devem ser estudadas em cada caso. Com efeito, para Mao, cada guerra é uma guerra, e a que lhe tocou viver era a guerra revolucionária na China. Finalmente, o instrumento específico para levar a cabo essa revolução era a formação de um exército revolucionário, o Exército Vermelho: “a experiência nos diz que os problemas da China não podem ser solucionados sem as forças armadas” (Idem. Mao, 1967, p 301).

Certamente Mao conhecia muito bem a obra de Clausewitz, levando a formulação central da teoria do prussiano, “a guerra é a continuação da política por outros médios”, a sua máxima expressão. Para Mao, a guerra, mas especialmente a guerra revolucionária (uma especificidade da guerra civil) era o resultado do fechamento das possibilidades de fazer as mudanças exigidas pela conjuntura de maneira pacífica através da política. Para ele, a guerra revolucionária era a única resposta política adequada para as circunstâncias socioeconômicas concretas pelas que estava passando a China e ante à resistência violenta do imperialismo para que as mudanças de essa situação se processassem. Nessa situação, na que a política tinha assumido claramente a radicalidade da luta de classes, o adversário político é o inimigo de classe, e contra o inimigo se impõe a guerra. Talvez por isso, pelo longo tempo em que Mao teve que conviver com a guerra na sua condição de condutor político e militar do

2 - Carl von Clausewitz, Da Guerra. São Paulo: Martins Fontes, 1996

processo histórico, é que se permitiu inverter a frase clausewitziana para definir a política parafraseando: “Pode-se dizer que a política é guerra sem derramamento de sangue” (Sobre a Guerra Prolongada, in Mao, 1967, p. 252). Assim, com essa frase, Mao limitava toda atividade política válida desse momento histórico à guerra revolucionária e ao seu preparo, e com relação a essa atividade dizia: “nossa trabalho político no exército tem três princípios cardinais: primeiro: unidade entre oficiais e soldados; segundo, unidade entre exército e povo, e terceiro, desintegração das forças inimigas” (Idem. in MAO, 1967, p 289).

Em outro lugar³ me referi ao princípio central da concepção estratégica de Mao como “um fundamento quase biológico”. Com efeito, a equação da guerra para Mao é conservar as próprias forças e aniquilar as forças do inimigo. Para ele, nessa equação, a regra primordial que deveria ser obedecida em primeiro lugar é o de conservar as próprias forças. Este é um princípio básico sem o qual nenhuma guerra pode ser vencida. Parece um princípio óbvio, mas talvez tenha sido seu esquecimento um dos motivos que levou os movimentos revolucionários latino-americanos dos 60 e 70 do século passado a jogar uma geração de revolucionários nas caldeiras de uma guerra de resultado incerto. Nesse momento vivido pela América Latina, com o êxito da Revolução Cubana e o amor revolucionário encarnado no Che Guevara, parecia que bastava ter uma causa justa para garantir a vitória, que bastava a força de vontade para superar a correlação de forças desfavoráveis, e que não havia tempo para perder. Assim, fórmulas como “vitória ou morte”, “socialismo ou morte”, “livres ou mortos, jamais escravos” povoavam o imaginário revolucionário da época num frenesi tanático. Se bem é certo que a realidade objetiva com a qual Mao se deparou era diferente da que enfrentaram os revolucionários latino-americanos, ele nunca teria formulado aquelas máximas. Para Mao a vida dos seus soldados, manter com vida o Exército Vermelho, era a condição de possibilidade para se chegar à vitória. Ele era consciente de que

³ - A Política Armada. Fundamentos da guerra revolucionária. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

entre a vitória e a morte mediavam muitas manobras, que a vitória nem sempre é o resultado do aniquilamento e que um pequeno grupo coeso, politicamente consciente, medianamente armado, firmemente integrado ao povo e às suas causas e com paciência para dar tempo ao seu desenvolvimento e fortalecimento, teria a oportunidade de em determinado momento passar à ofensiva estratégica até a vitória. Não obstante o grupo revolucionário deva estar sempre numa atitude politicamente ofensiva, até não ser suficientemente forte como para garantir a vitória deverá permanecer na defensiva estratégica. Sim, Mao aplicou e argumentou a favor da estratégia defensiva contra o que ele chamava de preconceito de boa parte da corrente marxista, talvez estimulados pela máxima de Engels de que “a defensiva era a morte da insurreição”. Manter firmemente o pulso sobre o leme da condução da Guerra Revolucionária na China, entre os arrecifes dos derrotistas e as ventanias dos aventureiros que pretendiam a ofensiva a qualquer custo, valeu a Mao o apelido de “Grande Timoneiro”. Desde sua perspectiva política de análise holística da guerra, a ofensiva deveria se manter no nível político, mas, no plano estratégico, atacar sem condições claras de vitória era um suicídio imperdoável. A estratégia defensiva permitia manter aceso o fogo revolucionário e, ao mesmo tempo, dava o tempo para a formação, crescimento e maturação dos quadros necessários para inverter a correlação de forças a favor da revolução. Os quadros do partido político e do exército (que na guerra revolucionária para Mao se confundem) são muito valiosos para serem jogados na sorte de uma ofensiva aventureira. Leva muito tempo e esforço do povo a formação desses quadros que constituem o elemento mais valioso da guerra revolucionária.

Para Mao, dadas as condições desfavoráveis da correlação de forças com relação ao exército nacionalista, a revolução precisava de tempo para se desenvolver, mas para isso precisava conservar vivo o seu núcleo revolucionário. Este núcleo era a condução do partido comunista chinês e do seu incipiente exército vermelho. Daí que o elemento central da concepção maoísta da guerra revolucionária

para a China naquele momento histórico era o tempo. O tempo necessário para o aumento das iniquidades do sistema capitalista, a aplicação do ressentimento da classe explorada no caminho revolucionário, o crescimento do fervor revolucionário, a potenciação do Exército Vermelho e a deterioração e enfraquecimento do inimigo. Em poucas palavras: a guerra nessas condições de correlação de forças desproporcionalmente adversa deveria ser prolongada.

Dadas as circunstâncias nas que teve que enfrentar o desafio político de realizar uma guerra revolucionária na China, com uma correlação de forças claramente desfavorável em relação ao exército nacionalista do Kuomintang, Mao não vê outra alternativa para tentar equilibrar as forças com alguma chance de vitória que não seja uma guerra prolongada. Esta levaria, com o tempo, ao desgaste e à desmoralização do inimigo e ao crescimento político-militar do exército revolucionário. Mas, como prolongar uma guerra contra um exército melhor armado, bem alimentado e com todos os suprimentos que o Estado podia fornecer? Como conseguir o tempo da prolongação da guerra e como abastecer o exército revolucionário? Mao propõe satisfazer duas condições: A primeira condição referia-se à estratégia de prolongar a duração da guerra contra uma ofensiva feroz, contando com um grande território que permita desenvolver a estratégia de trocar espaço por tempo. Para isso, devia ser preparada uma retirada estratégica do exército revolucionário, suficientemente ordenada e preparada para impedir o desborde dos francos e o fechamento do cerco estratégico decidido pelas tropas nacionalistas e, ainda, fechar cercos táticos relâmpagos sobre parte do exército do Kuomintang, para lograr assim reiteradas vitórias táticas que desmoralizassem o comando do exército inimigo e que resultassem no fortalecimento do moral das tropas comunistas. Esta manobra, se bem aplicada (como de fato foi) além de desgastar moralmente o exército nacionalista, paulatinamente o separava do centro de comando, alongava suas linhas de suprimentos e comunicação, tornando-as vulneráveis à sabotagem e ataque da guerrilha comunista operante na retaguarda do inimigo. A condição de pos-

sibilidade para o êxito desta manobra, para Mao, era contar com um território suficientemente extenso para retirar o exército e evitar o combate dentro da lógica do inimigo, entregando espaço ao inimigo e ganhando o tempo que os nacionalistas não tinham. Assim, Mao inicia a Longa Marcha ao norte do país.

A segunda condição era manter coeso o exército, entre oficiais e a tropa, mas muito especialmente soldar o Exército Vermelho ao povo. Para isso Mao conclamava à mobilização política para, por um lado, conseguir a costura compromissada entre o exército revolucionário e o povo e, por outro, explorar as fissuras que podiam ser localizadas entre o exército inimigo e o povo e entre oficiais e tropa dentro das suas fileiras. Essa era umas funções que Mao atribuía às forças guerrilheiras, aos “profetas armados”, como ele os chamava, na retaguarda do inimigo. Com sua прédica revolucionária, os guerrilheiros deviam fomentar o compromisso do povo com a revolução, conseguir informações sobre a situação da população e especialmente sobre o inimigo e seu exército. Também era sua missão sabotar as linhas logísticas, de suprimento e comunicação, do inimigo.

Um dos maiores problemas da guerra prolongada e em retirada estratégica é logístico, isto é, manter armado, alimentado e informado o exército sob a pressão do inimigo. O aprovisionamento constante, duradouro e sobretudo eficiente do exército revolucionário durante sua longa marcha é o problema logístico, central em qualquer guerra. Mao levou muito a sério e aplicou corretamente vários dos ensinamentos de outro comandante chinês, Sun Tzu, que elaborou seus ensinamentos 500 anos AC e os consagrou na sua Arte da Guerra. Este, ciente da importância da logística na guerra, afirmava que “o exército deve estar bem alimentado e bem armado, mas é muito melhor quando está alimentado e armado com a comida e as armas do inimigo”. Com efeito, na medida que se retiram armas e alimentos do inimigo, este se debilita e desmoraliza enquanto se abastece as próprias forças, não apenas de alimentos e armamento, mas de moral. Nas palavras de Mao: “Nossa política

básica consiste em nos apoiar nas indústrias de guerra dos países imperialistas e do nosso inimigo no país. Temos direito à produção dos arsenais de Londres e de Janyang, e as unidades do inimigo nos servem de brigadas de transporte. Isto é verdade e não brincadeira” (Problemas Estratégicos da Guerra de Guerrilha, in MAO, 1967, p 160). Mao percebe claramente que, na sua perseguição ao exército revolucionário, o exército nacionalista trazia consigo armamento, munição e víveres fornecido pelos países imperialistas que ele podia capturar nas manobras de cerco tático sobre parte do exército inimigo e abastecer a revolução.

Mao procurará resolver parte da equação logística, tanto em abastecimento de víveres quanto em provisão de quadros políticos e militares, no apoio popular de uma sociedade cansada da exploração e disposta a fazer o sacrifício de sustentar uma guerra de libertação do jugo ao qual estava submetida. Assim como o termo “Prolongada” adjetivando a guerra proposta por Mao era indicativa do tempo estratégico necessário para desgastar o inimigo e fortalecer sua própria força, o adjetivo “Popular” na fórmula Guerra Popular Prolongada não é meramente apelativo, ele é objetivamente descriptivo. A logística, que é uma condição de possibilidade de vitória desta guerra revolucionária, é uma logística eminentemente popular. A própria sociedade será quem proporcionará a “água para que o peixe viva”, nas palavras de Mao. Talvez a ideia que expresse de maneira mais acabada sua concepção estratégica para a Guerra Popular Prolongada é que, para ele, o elemento decisivo neste tipo de guerra não era o combate, como para a estratégia direta de Clausewitz, nem a manobra, como propunha Lidell Hart para a estratégia indireta, mas a soldadura, a estreita imbricação entre exército e povo: na medida em que um exército conquiste a simpatia do povo, terá a possibilidade de chegar à vitória, mas aquele que desperte o ódio popular, cedo ou tarde será derrotado pois, como diria o Grande Timoneiro, “as grandes forças da guerra têm sua fonte mais rica nas massas populares” (Sobre a Guerra Prolongada, in MAO, 2016, p 288)

Na busca por fortalecer seu exército com tropas treinadas, Mao também seguiu os ensinamentos de Sun Tzu. Este obrigava a tratar muito bem e com dignidade os prisioneiros de guerra, oferecendo-lhes a possibilidade de continuar lutando no seu exército ou se retirar com o compromisso de não mais lutar nas fileiras do inimigo. Com esta atitude conseguiu transformar o pequeno exército com que começou sua campanha em uma poderosa força com a qual conseguiu unir vários reinos da China. Mao também foi sensível a este ensinamento e nas suas manobras de cerco na contraofensiva tática sobre parte do exército nacionalista, ele fazia um número importante de prisioneiros aturdidos pela surpresa da rapidez do golpe, muitos dos quais eram doutrinados e passavam a engrossar as fileiras do Exército Vermelho.

O dispositivo defensivo ao qual Clausewitz dedicou mais reflexão no capítulo dedicado aos “Métodos de Resistência” foi aquele que consistia em transferir o esforço da resistência para o interior do país. Para o prussiano, o objetivo militar desta manobra consistia em “causar ou esperar o enfraquecimento do inimigo para que tenha que deter por si próprio seu avanço ou se mostre pelo menos incapaz de dominar a resistência que nós finalmente opomos a seu progresso” (CLAUSEWITZ, 1979, pag. 455). Passaram-se quase um século e meio para a teoria desse dispositivo ser levada à prática com maestria e até às últimas consequências por Mao. Paciência e sentido de oportunidade são chaves na aplicação exitosa deste dispositivo estratégico. Ambas virtudes foram sabiamente esgrimidas pelo Grande Timoneiro durante muito anos, na emblemática manobra militar da “retirada estratégica” que colocou definitivamente Mao na galeria dos grandes estrategistas da História. Essa manobra, executada com precisão por Mao, foi chamada “A Longa Marcha” que consistiu na retirada das tropas vermelhas formada por destacamentos de guerrilheiros, depois da derrota que sofreram na quinta campanha de cerco de aniquilamento da ofensiva do Kuomintang, numa longa marcha até o norte da China, donde concentraria as forças do Exército Vermelho na espera do momento oportuno para

passar à fase da contra-ofensiva final.

A guerra assim desenhada foi consagrada como "Guerra Popular Prolongada". Seu fundamento apoia-se em dois pilares: a logística e a duração da guerra. Mao construiu o primeiro pilar politicamente, pelo apoio incondicional do povo chinês à causa da revolução e à guerra como o seu instrumento adequado: o povo dará a sustentação logística ao Exército Vermelho. Para o segundo pilar, Mao propõe uma estratégia de guerra prolongada na solução articulada das diádias ofensiva-defensiva, linhas interiores-linhas exteriores, tática-estratégia, dispersão e concentração da força durante a marcha, cerco dentro do cerco, etc.

A lógica da estratégia adotada pelo Grande Timoneiro consistiu em negar ao inimigo o combate decisivo mediante a manobra de entregar espaço para ganhar tempo, pois, numa correlação de forças assimétrica, o tempo corre a favor do lado mais fraco. A retirada frente o cerco estratégico proposto pelo inimigo, que entregava espaço por tempo, também trazia o exército inimigo ao interior do país, longe do seu centro de controle e abastecimento, e o conduzia deliberadamente à emboscada de cerco tático. Mais importante ainda, do ponto de vista estratégico Mao impunha sua lógica estratégica prolongada no tempo ao inimigo e definia essa guerra: afastava o exército inimigo do centro de Comando, esticando sua linha logística, o que deixava vulnerável a comunicação e o transporte de suprimento de víveres, medicamentos, salários e munições, que podiam ser sabotados e "confiscados" para a revolução pelos destacamentos guerrilheiros que combatiam na retaguarda do inimigo. A fadiga pela marcha infrutuosa, o trânsito por um território de uma população hostil motivada pelos "profetas armados", a série de derrotas sofridas pela sequência de cercos táticos e a desmoralização do comando nacionalista pela confusão na cadeia de mandos foram corroendo o exército do Kuomintang até o seu claro enfraquecimento. Paralelamente ao crescimento do exército guerrilheiro com o apoio dos camponeses e a incorporação de tropas que mudavam de lado, e à inflamação de sua moral pelas bem sucedidas contra-o-

fensivas táticas, a decisão sobre o território e o momento em que se daria o próximo combate, brindar combate ante a certeza do êxito, para o qual contando sempre com a concentração de forças e a superioridade numérica de combatentes, foram transformando os destacamentos guerrilheiros no musculoso Exército Revolucionário que assumiria, chegado o momento, a contraofensiva final. Assim, Mao transformou o que o Kuomintang pensou ser uma retirada forçada pelas circunstâncias da superioridade das forças nacionalistas contra as revolucionárias numa retirada estratégica calculada a longo prazo num prolongado xadrez em que a sequência de jogadas era longamente premeditada. Tirar a atenção do imediato conjuntural e olhar ao futuro, ainda que as brumas do imponderável o torne difícil, é no fundo o pensamento estratégico de Mao: “é possível fazer um cálculo geral e é necessário ter uma apreciação das perspectivas de longo prazo. Limitar o olhar ao passo que se está dando é um método de direção ruim não apenas em política, mas também na guerra” (Problemas estratégicos da Guerra Revolucionária, in MAO, 1967, p. 142).

Existem uma série de vantagens que coroam o êxito de uma retirada estratégica quando bem planejada, quando se conta com bastante terreno para sua execução e suficiente paciência para dominar o tempo. As manobras realizadas durante uma “retirada estratégica” dentro da Guerra Popular Prolongada podem ser caracterizadas nos seguintes passos: 1) na retirada e operando por linhas interiores, o exército pode escolher com relativa liberdade no terreno mais favorável para desfilar o ataque contra seu inimigo, por linhas exteriores (táticas) dentro de linhas interiores (estratégicas); 2) durante a retirada e por meio de reconhecimentos periódicos é possível reconhecer a unidade mais vulnerável do exército inimigo sobre a qual se poderá executar o cerco tático de aniquilamento; 3) Quando o inimigo lança uma ofensiva ampla, a retirada assume a “marcha divergente” para impedir o cerco e abrir as forças adversárias. Uma vez aberta a frente do inimigo, o exército pode passar à “retirada convergente” em direção ao terreno reconhecido como

mais favorável para emboscar com cerco tático a unidade selecionada como mais vulnerável; 4) a retirada estratégica permite descobrir ou provocar erros na forma de conduzir a guerra por parte do inimigo; 5) sobre esses erros e com as forças concentradas, desfechar um golpe relâmpago no terreno escolhido sobre aquela divisão que se sabe debilitada. A estratégia é prolongada, a tática relâmpago. A estratégia de retirada divergente é evitar o cerco, a tática convergente é provocá-lo. O combate é de cerco dentro do cerco de cerco, isto é, Mao conseguia fechar com êxito o cerco tático sobre parte do exército do inimigo enquanto evitava que esse fechasse o cerco estratégico sobre o Exército Vermelho. A delicada manobra consistia em operar por linhas exteriores sobre parte do inimigo dentro das linhas interiores ao dispositivo deste, empregando táticas ofensivas de aniquilamento dentro de uma estratégia defensiva de desgaste (SAINT-PIERRE, 2000, p. 168). Por isso, depois de cada vitória tática, o exército de Mao retornava imediatamente à marcha divergente da retirada estratégica, para que nenhum descuido permita que o inimigo consiga fechar o cerco estratégico e decidir a guerra, para evitar que uma vitória tática se transforme na definitiva derrota estratégica. O cuidado e esforço que teve Mao nesta situação foi de controlar o entusiasmo produzido pelo êxito tático em alguns generais do seu próprio exército, que pressionavam para passar imediatamente à ofensiva estratégica antes de tempo.

Os ensinamentos dessa manobra brilhante, executada primorosamente pelo Grande Timoneiro da revolução chinesa, estão cuidadosamente anotados, depois de apurada reflexão, no seu texto “Sobre a Guerra Prolongada”, de maio de 1938. Desde meu modesto conhecimento dos textos militares de Mao-Tsé-Tung e da minha confessa ignorância com relação ao idioma mandarim, considero o texto que me deram a honra de prefaciar um dos mais relevantes textos militares de Mao, uma obra destacada na história da reflexão estratégica e das mais importantes da Teoria da Guerra. Festejo este momento em que esta obra se apresenta ao público brasileiro na sua tradução ao português, nunca é tarde para a leitura dos clássicos e

este sem dúvida é um deles. Tenho certeza de que suscitará muitas discussões e profundas reflexões nas academias civis e militares e nos círculos políticos, esse texto traz ao público uma reflexão profunda e fina, ao mesmo tempo simples e elegante, do mais profundos dos dramas bélicos da humanidade: a guerra civil, a guerra revolucionária.

*Héctor Luis Saint-Pierre é Doutor pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Pós-doutorado FAPESP/Universidade Autónoma de México em 1999 e Capes/IUGM de Madrid 2012. É também coordenador do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da Unesp, e líder do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES). É autor de “A política armada: fundamentos da guerra revolucionária” (UNESP).